



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

BEATRIZ VAZ E SILVA [BIA VAZ] (2)

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-806

Entrevistada: Beatriz Vaz e Silva [Bia Vaz]

Nascimento: não informado

Local da entrevista: São Paulo/SP

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 16 de agosto de 2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 31 minutos e 56 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Primeiros contatos com o esporte; Início no futebol; Primeira equipe; Jogadoras que foram inspirações; Apoio da família; Formação acadêmica; Base no futsal; Equipes nas quais atuou; Período nos Estados Unidos; Futebol universitário; Primeiras convocações para a Seleção; Seleção Permanente; Projetos futuros; Lesões; Momentos marcantes na carreira; Guerreiras Project; Recado para meninas que querem jogar.

São Paulo, 16 de agosto de 2017. Entrevista com Beatriz Vaz e Silva a cargo da pesquisadora Silvana Vilodre Goellner para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.G. – Olá Bia, agradeço imensamente a tua disponibilidade para conceder essa entrevista. Eu gostaria que tu contasses como foi teus primeiros contatos com o esporte em geral, não com o futebol.

B.S. – O futebol acho que foi o primeiro assim de qualquer coisa porque meu pai sempre jogou, então, o futebol sempre foi o esporte preferido da casa. Mas eu fiz caratê por muito tempo e na escola sempre joguei todas as modalidades. Na rua também tive uma vivência muito rica com tudo o que você pode imaginar, de pião, bolinha de gude, empinar pina, não chega a ser um esporte, mas são brincadeiras da rua. Mas o futebol e o esporte são os dois esportes que sempre estiveram muito presentes na minha vivência, e uma coisa muito legal é que eu sempre morei em um bairro pequenininho e fechado. Não fechado de com porteiros assim, mas era um bairro que era no meio de uma reserva florestal...

S.G. – Aqui em São Paulo mesmo?

B.S. – Isso, aqui em São Paulo mesmo. Então é um bairro pequeno, tem a rua principal e as ruazinhas né, no final de cada ruazinha tinha uma pracinha, alguma coisa e na nossa tinha uma pracinha, mas na verdade era o final da rua que tinha um espaço que a gente fazia um campo lá. Então ali a gente jogava futebol e nas ruas mesmo a gente atravessava a linha, jogava vôlei. Meu pai tinha um terreno que ele fez um muro grande, a gente chumbou uma cesta de basquete, então, foi muito legal, essa vivência da minha juventude mesmo; criança, adolescente foi muito rica, então, todos os esportes que você pode imaginar. O único que eu não tive muito contato e não tenho familiaridade nenhuma é com handebol, que eu apanhava, mas o resto assim foi sempre muito rico.

S.G. – Bia, tu tens irmãos?

B.S. – Tenho, tenho o Renato que é o mais novo e tem a Natália. Todos eles jogam alguma coisa. A Natália vôlei e futebol; o Renato era goleiro, muito bom goleiro, mas agora joga

na linha, mas sempre futebol assim. A gente fez caratê também muito tempo. Eu, meu pai, o Renato e os meus dois primos, nós íamos todos para o caratê, a única que não fez foi a Natália.

S.G. – Mas para eu entender melhor: tu és a filha mais velha, do meio ou mais jovem?

B.S. – Eu sou a mais velha, vou fazer trinta e dois; a Natália vai fazer vinte e nove e o Renato vinte e seis.

S.G. – Então na escola tu já jogavas futebol. Quando começaste a participar de alguma equipe? Na escola, antes da escola, em algum clube ou de brincadeira do bairro. Como foi esse início?

B.S. – Quando eu comecei eu estava com uns onze, doze anos. Eu comecei optar ou futebol ou caratê, porque não dava para fazer os dois, ocupava tempo do dia e com doze anos eu entrei em um clube chamado Macabi; O Clube Macabi tinha o time de futebol lá e eu era a mais novinha, ai fiquei lá uns dois, três anos, mas não era nada assim, era como uma escolhinha mesmo, era um time, mas era mais uma escolhinha. Aí com quinze anos eu fui fazer o teste no Juventus¹, passei e fiquei no Juventus. Foi a primeira equipe com responsabilidades, uma equipe mesmo de futebol, foi com quinze anos.

S.G. – E nessa época tinha alguma jogadora que tu vias jogar na TV ou que tu te inspiraste, ou algum jogador... O que tu assistias de futebol? Tu ias para campo? Torcia para alguma equipe? Como que é essa tua relação? Não como jogadora mas a Bia no futebol?

B.S. – Sim, eu sempre gostei de assistir, mas eu nunca fui no estádio. Eu sempre tive medo e meu pai também não tem o costume de ir, então, a gente nunca tinha ido nem nada. No Juventus tinha a Cristiane², que era da mesma idade, mas ela já era muito diferente... Muito diferenciada assim, muito diferente de nós, já estava na Seleção, já era a Cristiane, o pessoal já conhecia ela bastante...

S.G. – Isso é em que ano Bia? Tu lembra?

¹ Juventus Futebol Clube.

B.S. – 2001 por aí. Eu assistia muito o masculino, lembro muito da Copa de 1994, apesar da pouca idade eu lembro muito. Eu adorava o Romário³, o Edmundo⁴, essa turma...

S.G. – Nesse período tu sabia da existência de Sissi⁵, da Kátia Cilene⁶, da Roseli⁷?

B.S. – Então, a Sissi, ela era muito famosa já na Seleção porque ela tinha o cabelinho cortado, então, era uma figura que todo mundo já conhecia. Lógico pelo futebol dela, mas ela era uma figura bem pontual, todo mundo conhecia. Ela é a que eu mais lembro e a goleira Maravilha⁸. Aí eu tive o prazer de jogar contra a Maravilha em um Campeonato Brasileiro em Ubá, Minas Gerais. Não vou lembrar o ano, mas deve ter sido por 2001, 2002

S.G. – Pelo Juventus?

B.S. – Foi pelo Juventus e a Maravilha estava no Grêmio⁹, se não me engano. A gente jogou contra e foi muito legal, porque eram figuras, assim, que todo mundo já conhecia pelo futebol feminino né, da Seleção e tudo, então foi legal.

S.G. – Na tua família, teu pai apoiava o futebol? Tua mãe? Como foi tu disseste: “Quero ser jogadora de futebol, ser atleta de futebol”?

B.S. – O meu pai sempre gostou muito; a minha mãe não gostava muito porque a família do meu pai... O meu avô por parte de pai ele não... Era religioso, falava que não era para eu jogar e quando eu era pequenininha ele foi embora; eu já estava com dez anos, mas antes disso ele já não deixava eu jogar na rua mas meu pai sempre apoiou porque meu pai sempre gostou muito de futebol. Ele curti. Na verdade, ele ia comigo e ele curti mais do que eu. Minha mãe não muito, mas meus irmãos gostavam porque a gente ficava brincando todo mundo e na rua também tinha um pouco de resistência dos meninos, porque era eu e

² Cristiane Rozeira de Souza Silva.

³ Romário de Souza Faria.

⁴ Edmundo Alves de Souza Neto.

⁵ Sissi Lima do Amor.

⁶ Kátia Cilene Teixeira da Silva.

⁷ Roseli de Belo.

⁸ Marlisa Wahlbrink.

mais um montão de moleques. Hoje até todos eles estão no bairro e a gente tem contato e eles ficam felizes assim, mas meu pai apoiava e minha mãe não tanto.

S.G. – E no Juventus, tu participaste de um Campeonato Brasileiro?

B.S. – O Brasileiro de Ubá, já era adulto, era categoria adulta...

S.G. – Tu eras jovenzinha e já jogavas com jogadoras mais velhas... Tu já entraste na equipe como adulta?

B.S. – Já jogava com adultos. Sim, eu entrei com quinze e já estava fazendo... De quinze para dezesseis na verdade, mas já... Não tinha essas categorias menores, aí já jogava com a turma adulta já... Adulta hoje sou eu e a turminha está chegando... [riso]

S.G. – E quantos anos você ficou no Juventus?

B.S. – Eu fiquei um ano só porque estava com uma parceria com o São Bernardo. É eu já estava quase para ir para dezesseis mesmo, porque eu fiquei um ano e já entrei na faculdade, foi quando a gente foi para o São Bernardo, aí fiquei um tempinho no São Bernardo, uns dois, três anos e...

S.G. – Fizeste o quê? Educação Física?

B.S. – É fiz Educação Física na Mackenzie¹⁰.

S.G. – E aí começou a jogar futsal?

B.S. – Antes de jogar futsal. A minha base assim no futebol foi futsal, então...

S.G. – No Juventus era futsal?

B.S. – Não, era campo, mas antes disso eu jogava futsal.

⁹ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

¹⁰ Universidade Presbiteriana Mackenzie.

S.G. – E aí no Mackenzie foi para o futsal de novo? E continuou jogando campo no Juventus?

B.S. – E campo no São Bernardo e na Faculdade também, a gente tinha o campo lá. Então era sempre o futsal e o campo sempre juntos, nunca... Aí quando eu terminei a faculdade foi quando eu distanciei de vez do salão; foi com vinte e quatro, vinte e três para vinte quatro anos, eu terminei a faculdade fui para os Estados Unidos, consegui um bolsa lá, ia começar estudar e aí foi quando fui para o campo total.

S.G. – E lá você jogou?

B.S. – Joguei um pouquinho, joguei duas temporadas lá, foram dois anos lá.

S.G. – Em qual cidade? Que time?

B.S. – Fiquei na faculdade né, a faculdade se chamava Southern Nazarene University, que é uma cidade pequenininha chamada Bethany em Oklahoma, mas foi ótimo assim, para quem não falava inglês. Eu fui para lá para aprender inglês, mas uma cidadezinha muito pequena, uma faculdade de referência em estudos religiosos, então, eram pessoas que faziam com que você se sentisse muito bem e tentavam entender a gente de todas as maneiras. Eu cheguei lá sem blusa pesada de frio, eu tive que comprar lá e eles sempre muito... Eles trouxeram coisas para mim e para a Bruna¹¹ que era uma menina de Santa Maria do Rio Grande do Sul. Nossa, eles trouxeram um monte de blusa. Isso foi muito significativo porque quando a gente chegou, a primeira coisa que eles perguntaram foi: “Vocês trouxeram blusa de frio? Porque aqui vai fazer frio.” Mas a gente chegou lá estava quarenta graus, a gente falou: “Frio aqui?” E a gente foi ver e era verdade, fazia menos quinze graus, mas foi muito legal.

S.G. – E vocês ficaram na casa de famílias ou ficaram na Universidade, no alojamento universitário?

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

B.S. – A gente ficou nos dormitórios da faculdade mesmo, mas todo o final de semana a gente ia para casa de um americano, de uma família americana e ficava por lá.

S.G. – E como que foi perceber a diferença do futebol lá e do futebol aqui, mesmo o futebol universitário nos Estados Unidos é muito mais forte...

B.S. – É! Lá é muito assim: muita força, muita velocidade porque elas têm essa coisa do atletismo muito forte na escola, então, eles desenvolvem outras características dentro do futebol que a gente não tem tanto aqui. Então muita força, muita velocidade, a dinâmica do jogo era diferente, um jogo mais veloz. Apesar de ser universitário eram jogos muito velozes, então... E nem era a divisão um, era uma divisão para as faculdades menores e... Então as características são diferentes, as atletas vêm de uma base totalmente diferente. Eu e a Bruna, a gente se divertia muito; o primeiro ano foi mais de adaptação, mas a gente foi super bem já no primeiro e o segundo ano foi que a gente conseguiu ir para os nacionais. O primeiro ano foi bom para o time, a gente conseguiu o campeonato regional, mas a gente não conseguiu atingir os nacionais; no outro ano a gente foi para os nacionais, mas foi muito bacana, foi uma experiência que agregou muitas coisas, muitas coisas mesmo.

S.G. – E tinha público nos jogos? Como que era?

B.S. – Tinha os familiares e o pessoal da faculdade mesmo, eles têm essa coisa do envolvimento com o esporte das universidades muito forte. Então todo o jogo estava cheio. A nossa escola era muito pequenininha, mas sempre tinha bastante gente no campo e o pessoal acompanha, vai conversar depois, era muito legal.

S.G. – Que ótimo! E quando você volta dos Estados Unidos e vai jogar onde?

B.S. – Depois eu voltei e fui para Foz do Iguaçu, fiquei três anos lá, 2010, 2011, 2012, foram três anos muito de conquistas assim, foi bem legal...

S.G. – No Foz Cataratas¹²?

¹² Foz Cataratas Futebol Clube.

B.S. – No Foz Cataratas. O primeiro ano só tinha o Campeonato Paranaense, a gente queria o Paranaense para ir para a Copa do Brasil. Ai ganhamos o Paranaense e fomos para a Copa do Brasil; ganhamos o Paranaense então já houve a classificação para a Copa do Brasil do outro ano e no mesmo ano a gente ficou em segundo na Copa do Brasil. No outro ano a gente ganhou a Copa do Brasil e o Campeonato Paranaense e fomos para a Libertadores¹³ e ficamos em segundo lugar na Libertadores. Isso foi em 2012.

S.G. – Foi onde a Libertadores?

B.S. – Foi em Vitória de Santo Antão, Pernambuco.

S.G. – E a primeira convocação para a Seleção Brasileira, como foi?

B.S. – Foi com a sub-20. Meu Deus, eu estava em São Bernardo ainda, mas eu não vou lembrar o ano. Foi pela sub-20, foram algumas convocações, mas eu nunca disputei campeonatos assim, eu nunca disputei um Mundial com o sub-20 nem nada. E na principal foi em 2010, foi no primeiro jogo do Foz; foi muito legal porque o técnico que era o Kleiton Lima¹⁴, estava fazendo a transmissão junto com o Luciano do Valle. Aí eu fiz o primeiro gol do Foz Cataratas e fui bem na partida e ele acabou me convocando. Depois eu não voltei mais, fui para aquela convocação e não voltei mais. Em 2013 voltei de novo para a Seleção aí fiquei 2013, 2014, 2015, 2016, foram os quatro anos para a preparação para as Olimpíadas¹⁵, foi quando eu fiquei fora e ai eu não voltei mais desde essa data.

S.G. – E depois do Foz você atuou no Ferroviária¹⁶?

B.S. – Foi no Ferroviária.

S.G. – Tem uma longa trajetória nesta equipe. Quanto tempo?

¹³ Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

¹⁴ Kleiton Barbosa de Oliveira Lima.

¹⁵ Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

¹⁶ Associação Ferroviária de Esportes.

B.S. – Não. A Ferroviária foram dois anos seguidos. A Ferroviária foi o mais legal assim, porque a gente saiu... Tinha uma turma boa lá no Foz, éramos muito amigas e quando houve o convite de uma atleta de Araraquara ela falou: “Eu gostaria de ir, mas tem uma turminha boa que dá para levar também.” E fomos em seis para lá e as seis viraram titular de Araraquara e aí, no ano que a gente foi a gente conquistou o Campeonato Paulista, no outro ano a gente conseguiu a Copa do Brasil, o Campeonato Brasileiro, o Vice-Campeonato do Paulista e fomos todas para a Seleção, fomos em sete para a Seleção.

S.G. – Quem que era?

B.S. – Eu, a Thaisa¹⁷, a Rinaly, a Tayla¹⁸, a Andressa Alves¹⁹, a Luciana²⁰, a Raquel²¹ e a Mônica.²² Foram oito titulares.

S.G. – Teve oito. Todas saíram do Foz e vieram para a Ferroviária?

B.S. – Não, do Foz para a Ferroviária... Ah, tinha a Nenê²³ também. Nossa, não posso esquecer dela, fomos em nove da Ferroviária para a Seleção, mas quem estava no Foz era eu, a Tayla, a Rinaly, a Thaisa, a Adriana Nenê e a Andressa Alves, seis.

S.G. –E como é que foi lá em Foz do Iguaçu, vocês moraram lá? Porque é muito frio, muito diferente.

B.S. – A gente morou lá e a gente gostava muito, porque podia ir para o Paraguai e para a Argentina. A gente ia muito para lá assim; para o Uruguai nem tanto, só às vezes, mas para a Argentina a gente ia muito para jantar, para sair quando a gente tinha folga. A gente passava o dia lá e a cidade também é muito boa porque é uma cidade dinâmica e tem várias coisas para fazer, sempre tem o pessoal de fora, então, é divertido, você encontrar pessoas de outros lugares. Mas eu adorava Foz, eu voltaria para lá para morar fácil fácil.

¹⁷ Thaisa de Moraes Rosa Moreno.

¹⁸ Tayla Pereira dos Santos.

¹⁹ Andressa Alves da Silva.

²⁰ Luciana Maria Dionizio.

²¹ Raquel Fernandes dos Santos

²² Mônica Hickmann Alves

S.G. – Bia, agora você está no Audax²⁴. Você saiu do Ferroviária e foi para o Audax? Ficou um tempo sem jogar? Como é que foi essa tua transição?

B.S. – É, depois de Araraquara, da Ferroviária a gente foi para a Seleção Permanente, nesse meio tempo...

S.G. – Foi o quê? Um ano? Um ano e pouco na Seleção Permanente?

B.S. – É um ano e meio, quase dois, mas eu fiquei um ano e meio mais ou menos. Nesse período eu fui para Boston²⁵, aí fiquei uma temporada lá, voltei para a Seleção Permanente e no final do ano passado quando... Ah fui para o Flamengo também o ano passado para tentar jogar a Copa do Brasil, mas eu me lesionei e aí fiquei fora e voltei para Araraquara para disputar a Libertadores, a gente não foi bem lá no... Foi no Uruguai, a gente acabou não indo bem e aí eu vim para São Paulo esse ano; eu precisava estar por aqui perto de casa e aí apareceu o Audax e foi uma boa oportunidade: perto de casa, um clube novo, projetos novos, então, é sempre bom estar... Quando é projeto novo é legal estar junto.

S.G. – E quando você parar de jogar, no que está pensando? Está se preparando? O que você está projetando?

B.S. – Eu ainda não estou muito certa para qual direção... Eu comecei a fazer os cursos de gestão, gostei muito e também fiz o curso de treinadora que eu gostei muito também, então, o que eu tenho certeza é que eu gostaria de continuar com o futebol, não sei de que forma, mas gostaria de contribuir de várias maneiras, só preciso... Quando eu realmente para de jogar, que não vai demorar muito, eu acredito que mais um ano, um ano e pouquinho eu comece a trabalhar mesmo, aí eu vou ver de verdade porque a necessidade do futebol feminino é em todas as áreas. Seja de gestão, seja na parte técnica, então, é só isso que eu preciso direcionar melhor, mas eu acho importante você ter as duas partes porque é bom entender, é bom fazer parte para o processo todo funcionar bem.

²³ Adriane dos Santos.

²⁴ Grêmio Osasco Audax.

²⁵ Atuou no Boston Braekers.

S.G. – Bia, tu tiveste muitas lesões?

B.S. – Não. Esse ano eu estou tendo um pouco mais de lesão e...

S.G. – Mas alguma grave?

B.S. – Não, apesar do meu porte físico de borboleta nunca tive lesões assim muito graves. Tive uma em Foz que foi do joelho esquerdo, que foi a mais complicada, mas não teve que operar nem nada, fiquei afastada um tempo e depois já voltei a jogar.

S.G. – Na Sua carreira, que momentos você destaca como mais significativos?

B.S. – Tá, vamos lá. De positivo assim, poder fazer a faculdade jogando foi muito importante... Na Seleção, toda a vez que ia para a Seleção sempre foram especiais porque você trabalha, trabalha, trabalha e a Seleção é o mais legal que você pode atingir, então, eu ficava feliz quando eu era convocada e ter feito parte da Seleção Permanente. Tem o Campeonato Sul-Americano que foi o máximo que eu cheguei com a Seleção, que foi um jogo contra a Argentina e eu tive muita dor abdominal e foi antes do jogo. Eu sempre estava pedindo uma oportunidade, sempre falavam: “Não Bia, você vai ter a sua oportunidade, vai ter oportunidade, vai ter oportunidade.” E quando eu tive a minha oportunidade eu estava tão ansiosa com aquilo que eu acabei deixando essa oportunidade passar, porque eu tive muita dor e não consegui jogar da maneira que eu gostaria de ter jogado. Isso foi muito marcante porque é uma verdade, às vezes você não se prepara para aquele momento, então, isso não só com o futebol. Trazendo isso para a minha vida mesmo esse momento foi muito marcante, porque eu achava que eu estava preparada para um momento que quando ele chegou eu acabei não assim. Quando você vai ficando mais velha você começa a perceber que naquele momento eu não estava madura nem preparada para aquilo e eu esperei, esperei, esperei, mas não aproveitei a oportunidade. Não é na parte de campo, mas foi uma coisa para mim que ficou muito marcante. Uma coisa muito legal que aconteceu foi que 2004 eu participei da Universíade e até hoje o time daquela época com Gabi Zanotti²⁶, tem uma turma legal, a Karen Rocha²⁷ que é do Paraná, nós fomos as

²⁶ Gabriela Maria Zanotti Demoner.

²⁷ Karen de Freitas Lang Rocha

últimas campeãs Universitárias, então, o time está invicto até hoje. Foi na Turquia, em Izmir. Foi um evento muito bacana, a gente jogou para não sei quantas mil pessoas no estádio, estava cheio, foi muito legal.

S.G. – Bia e o teu envolvimento com o Guerreiras Project²⁸? Fala como que se deu, o que significou, se você ainda está envolvida com projeto.

B.S. – É, agora eu não estou tanto porque ainda estou jogando e às vezes eu não consigo atender. Eu fico chateada porque tem tantas coisas para serem feitas e às vezes não dá certo para fazer, Começou assim: eu conheço a Caitlin²⁹ já há muitos anos, a gente jogou junto no Santos³⁰ e aí depois ela foi embora daqui do Brasil e quando ela voltou ela veio com esse projeto. Eu não sabia muito bem como que eu poderia ajudar, mas foi meio que de uma maneira muito natural; eu me vi envolvida com o grupo e podendo conversar sobre coisas que eu jamais imaginei que eu poderia falar e indo nas comunidades e conversando com pessoas que realmente sabem dos temas de gênero, de empoderamento da mulher, então, a Caitlin veio com a proposta juntamente com a Pellê³¹, conversando e falando sobre isso, quando eu fui ver eu já estava dentro e fazendo uma oficina ou outra e...

S.G. – Tu chegaste a fazer alguma oficina?

B.S. – Eu fiz uma oficina em Diadema, fui eu, a Pellê, a Picarte³² também estava a Caitlin. Foi a primeira oficina que eu realmente fiz, depois eu fiz só uma reunião com o Guerreiras em São Paulo em 2014 se eu não me engano, depois teve uma coisinha ou outra.

S.G. – E aquele encontro de Capacitação de embaixadoras do projeto, que aconteceu em 204?

B.S. – Foi esse aí em 2014, foi na Copa. A gente saiu do Rio de Janeiro e já veio para São Paulo.

²⁸ Coletivo que reúne jogadoras, ex-jogadoras, ativistas, artistas e intelectuais e usa o futebol como ferramenta para revelar, analisar e combater preconceitos de gênero.

²⁹ Caitlin Davis Fisher, uma das fundadoras do Guerreiras Project.

³⁰ Santos Futebol Clube.

³¹ Aline Pellegrino, uma das fundadoras do Guerreiras Project.

³² Thais Ribeiro Picarte.

S.G. – O que vocês estavam fazendo no Rio?

B.S. – No Rio? A gente foi participar de uma atividade com o Discover Football, aí fomos para lá e foi muito legal, porque o que é mais interessante é que são países totalmente diferentes, de realidades diferente, mas que os problemas são tão parecidos. Com dimensões diferentes, às vezes alguns mais graves do que outros, mas as situações que apareciam eram muito parecidas, então, a gente tinha muita facilidade de conversar, de trocar ideias e foi com esse pessoal lá do Discover.

S.G. – Legal Bia, o que eu não te perguntei que eu gostaria de falar. Que mensagem você gostaria de registrar para as meninas que querem jogar futebol

B.S. – O que eu falaria é para ela jogar; para ela ter coragem porque as pessoas vão colocar rótulos e vão falar para você fazer algumas coisas, mas você não é obrigada, então se você tem vontade de jogar, joga, faça o que for... Eu falo sempre: “Faça com o coração!” Faça as coisas com o coração porque aí você vai vendo os seus limites e é sempre um desafio muito grande, porque puxa você para se conhecer de várias formas: até onde você consegue chegar, quantas dificuldades você vai ter que passar, então, são desafios pessoais todos os dias, você ir contra. Eu lembro muito de quando eu era pequenininha e jogava na rua e os meninos não me chamavam de Bia, eles me chamavam de Bio, então, até um tempo aquilo me incomodava muito e teve uma hora que eu falei: “Quer saber? Vocês me chamam do que quiserem e eu vou continuar jogando porque eu gosto.” Mas isso tudo muito inconsciente, você imagina para uma criança o tempo todo aquilo na cabeça e na escola também. Por exemplo: uma vez na escola chamaram a minha mãe porque eu ficava jogando com os meninos e ficava muito com os meninos, e eles falaram: “Tem que ver o que está acontecendo com essa menina.” A minha mãe veio conversar comigo, eu falei: “Eu quero jogar, eu não quero ficar sentada falando de nada, eu quero jogar, eu quero chutar lata”. E são os meninos que chutam lata, então, vou chutar lata. Na verdade, é que não importa quem estava chutando lata, importava que eles estavam chutando lata...

S.G. – E tu queria chutar lata também.

B.S. – E eu queria chutar lata também, então era só o grupo mesmo. Então são desafios pessoais que a gente encontra todos os dias e fora aquela modalidade que tem muitas dificuldades, mas que você pode usar ela para várias coisas positivas. Eu fiz uma faculdade, conheci vários lugares e o que eu sempre falo é que talvez a gente não vai ser a melhor jogadora do mundo, mas você pode fazer outras coisas, pode se encontrar de outras maneiras; Com o futebol eu fiz Educação Física, virei professora de Educação Física, não fui a melhor jogadora e não vou ser a melhora jogadora, mas eu joguei, consegui fazer a faculdade, conheci vários lugares, fiz muitas amizades, então, isso que é legal do futebol. E o bom assim é que eu vou plantar hoje, mas eu não vou colher amanhã do futebol, alguém vai colher e eu vou ficar feliz de ter feito parte dessa semeada aí, que é uma caminhada longa, mas que agrega muito para gente como ser humano.

S.G. – Ok. Legal Bia, super obrigada pela tua entrevista.

B.S. – Professora eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]